

## ■ Liberdade Operaísta

.....Gigi Roggero

*para Romano Alquati<sup>1</sup>*

“Olhe, você está no andar errado”, respondeu Romano Alquati a um estudante de esquerda interessado em escrever uma dissertação sobre trabalhadores (de fábrica), no início dos anos 90. “Se você quer escrever uma dissertação sobre trabalhadores (de fábrica), você deve ir ao segundo andar, ao departamento de Arqueologia”. Como a “rude raça pagã” [forma pela qual Mario Tronti descrevia o operário-massa], Alquati não possuía deuses e recusava mitos. O culto ao passado é coisa amaldiçoada.

Quando chegou a Turim em 1960, após crescer em Cremona e ter vivido em Milão na comuna da via Sartori, nº 2 (um verdadeiro caldeirão cultural e intelectual nos anos 1950 e 60, ponto de encontro do marxismo e da fenomenologia, espaço internacional de cruzamento de filósofos e revolucionários), Romano, a exemplo da geração política e humana excepcional que daria vida ao operaísmo, não estava em busca de um sujeito metafísico e desmaterializado, heróico portador da vontade geral. “Houve e ainda há um movimento trabalhista populista e cioso do Welfare State (e de origem cristã), um movimento trabalhista sindical, e uma combinação de ambos, cuja característica é considerar os trabalhadores (de fábrica) como o ‘elemento débil’ da população e que, portanto, necessita de ajuda. Esse movimento trabalhista ama os trabalhadores (de fábrica) e, de maneira mais ampla, a própria condição de ser trabalhador de fábrica. Os operaístas – com maior senso político – ao contrário, estavam interessados nos trabalhadores proletários porque, contra todo universalismo, viam neles uma grande potência”.

Romano Alquati foi a Turim não para chorar sobre malas acartonadas<sup>2</sup>, mas em busca de um poder antagonista. O conflito a sua frente não era mais entre os de baixo e os de cima, mas entre trabalhadores e capital. Poder contra poder. Para escândalo dos intelectuais esquerdistas e líderes partidários, os operários-massa não se sacrificavam pela justiça universal, não possuíam consciência e

---

1 Tradução do italiano por Pedro Barbosa Mendes.

2 Mala de papelão ou cartolina, de uso comum entre migrantes pobres (N.T.).

ideais, mas queriam mais dinheiro e menos trabalho. A classe trabalhadora só se libertou ao se extinguir, recusando o trabalho e a identidade de oprimidos. Por essa razão, esse foi um ciclo de lutas extraordinário. O humanismo morreu para sempre nos confrontos de Miraflores e entre os rios de Porto Marghera<sup>3</sup>.

Naqueles anos da transição italiana para o taylorismo e o fordismo, ninguém estava interessado nos trabalhadores de fábrica. O PCI (Partido Comunista Italiano) optou por ir ao encontro da classe média: no entanto, meio século mais tarde, eles ainda não os tinham apreendido ou sequer os encontrado. O sindicato, por sua vez, após a derrota da FIOM [Federação dos Trabalhadores em Metal-mecânica] na Fiat em 1953, acreditara que a partida estava encerrada: o trabalho havia sido completamente integrado, de acordo com o mantra de inspiração frankfurtiana, mas de forma totalmente oportunista.

Não havia sociologia do trabalho a estudar a fábrica – ela sequer existia na Itália. De fato, quando Romano Alquati e outros jovens militantes dos *Quaderni Rossi* e depois de *Classe Operaia* começaram a praticar *conricerca*<sup>4</sup> eram desdenhosamente chamados de anarco-socialistas, tanto pelos marxistas que não necessitavam de “ciência burguesa”, quanto pelos acadêmicos que desfrutavam dessa mesma “ciência burguesa”. Os pesquisadores da *conricerca*, ao contrário, mergulhavam na literatura das ciências sociais em geral com o intuito de compreender e antecipar as lutas, já que apenas de um ponto de vista parcial é possível avistar o todo. Foi assim que chegaram até a formação da composição de classe (*On Fiat and Other Writings*<sup>5</sup>, por exemplo, permanece um texto fundamental neste sentido). E mais: eles se organizaram a si próprios através do processo. Pois a *conricerca* nunca foi apenas uma “pesquisa feita de baixo para cima”: ou servia para organizar autonomamente os trabalhadores, ou então não existia. E não havia qualquer ideal populista de horizontalidade: o prefixo “con” expressava o questionamento das fronteiras entre a produção de conhecimento e de subjetividade polí-

---

3 Mirafiori e Porto Marghera, respectivamente as sedes de uma grande fábrica da Fiat e de um pólo químico, foram focos de insurreição e de grande atividade autonomista (sem organização sindical) na Itália entre os anos de 1969 e 1973, com greves, ocupações de fábricas e grandes embates com a polícia.

4 *Conricerca*, Pesquisa-ação ou Enquete Operária, referem-se a metodologias de pesquisa que propõem a conjugação da investigação crítica e da prática política, colocando em questão os métodos da sociologia empírica, em particular, as técnicas de questionário e de entrevista, tais como são convencionalmente aplicadas na pesquisa de opinião e nas pesquisas eleitorais (N.T.).

5 Texto não disponível em português (N.T.).

tica, entre ciência e conflito. Não se tratava simplesmente do conhecimento, mas da organização de uma resistência. *Conricerca* era a ciência da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, talvez hoje não existisse qualquer trabalho de sociologia na Itália se não fosse por esta experiência. Simplificando radicalmente a questão, aqueles pesquisadores inventaram a sociologia.

Contudo, Romano não queria ser de forma alguma chamado de inventor da *conricerca*. “Os militantes políticos sempre fizeram *conricerca*. Apenas íamos para a frente das fábricas e dizíamos aos trabalhadores: não pode haver organização de outra maneira. Se calço sapatos e saio para caminhar numa rua cheia de pedras, não posso dizer que eu os inventei.”

Na realidade, trata-se, acima de tudo, de uma metodologia política onde as categorias tradicionais de espontaneidade e de organização perdem sua consistência. “A espontaneidade era organizada”. Mas nada era alcançado definitivamente.

Os operaístas romperam com a tradição marxista e leninista ao reler tanto Marx quanto Lênin, no âmbito da nova composição do trabalho vivo. Dessa forma, puderam compreender a ruptura expressa pelo operário-massa, o que também significava um choque no interior da classe e produzia algo que não existia anteriormente.

O operaísmo, assim como a *conricerca*, é essencialmente a metodologia de uma ruptura constituinte. Nunca um pensamento à margem, mas sempre a política cultural de um poder transformador – organização de um movimento que procede por meio de saltos. E, nos anos 1970, a tarefa consistia em dar um novo salto. A pesquisa de Romano com o novo proletariado intelectual<sup>6</sup> (basta pensar nas universidades de classe média) é o futuro perfeito da composição de classe contemporânea.

Romano era, ao mesmo tempo, dono de um vocabulário cristalino – formativo – no melhor sentido da palavra, e de uma escrita tortuosa. “Não é minha culpa se cada vez menos pessoas conseguem ler”, era sua resposta. O mesmo acontecia com suas pinturas, sempre cobertas com vidro, prontas para serem modificadas e tornadas mais complexas através de novos desenhos e pinceladas. Não se tratava de obras de arte, mas de processos continuamente abertos à transformação.

---

6 Cf. Romano Alquati, Nicola Negri, Andrea Sormano, *Università di ceto medio e proletariato intellettuale*, [Middle class university and intellectual proletariat] Stampatori, Torino 1978. Não disponível em português.

Portanto, ao quebrar a cabeça a cada linha de algum texto de Romano (aqueles dos anos 90, sobre *conricerca*, subjetividade e as transformações da universidade, do conhecimento e do trabalho são verdadeiras preciosidades, pena que tenham circulado muito pouco ou ainda permaneçam não publicados), pode ser que o leitor perceba algo que inicialmente não havia notado. Mas quando começa a achar que entendeu alguma coisa, é novamente deslocado e obrigado e percorrer um novo caminho. Mais uma vez, é-se obrigado a dar um salto. “Não se trata de livros” – dizia – “mas de máquinas”. Máquinas de guerra. E acrescentava: “eu nunca disse que escreveria para todos”.

Claro. Em uma famosa passagem do *Dezoito Brumário*, Marx diz que alguém que acabou de aprender uma língua a traduz continuamente para sua língua materna, mas sem conseguir captar seu espírito e se expressar livremente nela até que possa se movimentar através dela sem reminiscências, esquecendo assim sua língua original. Nos seja permitido então desaprovar aqueles que estão preocupados apenas em medir a cientificidade das pesquisas por meio de números e estatísticas e que medem a política pelos representados e pelo interesse geral. Essa é sua perdição! Romano Alquati nos ensinou que o problema é alcançar a verdade e não descrevê-la. Pois a capacidade de antecipar uma tendência não é um artifício intelectual, mas a bússola do militante e a condição de possibilidade da organização. Obrigado Romano por nos ter ensinado essa nova linguagem. E por ter nos ensinado também que, para possuí-la, precisamos saltar constantemente para reinventá-la. É por isso que seremos sempre livres e eles nunca nos alcançarão.

■.....**Gigi Roggero** é formado em História Contemporânea pela Università degli Studi di Torino. É coautor de *Futuro Anteriore*. Dai “Quaderni Rossi” ai movimenti globali: *ricchezza e limiti dell’operaismo italiano* (Roma: DeriveApprodi, 2002). Trabalha no campo da pesquisa social. É doutorando no Departamento de Sociologia e Ciência Política da Università della Calabria.